

Edição v. 39
número 1 / 2020

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 39 (1)
abr-jul/2020

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

A relevância da crônica para o projeto de escrita de Luiz Ruffato: Formação da autoridade sobre uma temática específica

The relevance of the chronicle for Luiz Ruffato's writing project: the authority formation on a specific topic

CLÁUDIA DE ALBUQUERQUE THOMÉ

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: cthomereis@gmail.com. ORCID: 0000-0003-4759-3643

MICHELE PEREIRA RODRIGUES

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) – Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: michelepereiraa@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1567-8829

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

THOMÉ, Cláudia de Albuquerque; RODRIGUES, Michele Pereira. A relevância da crônica para o projeto de escrita de Luiz Ruffato: Formação da autoridade sobre uma temática específica. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 179-191, abr./jul. 2020.

Enviado em: 12/4/2019. Revisor A: 9/7/2019; Revisor B: 10/7/2019. Revisor C: 6/8/2019. Aceito em: xx/xx/2019.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v38i3.28519>

Resumo

A crônica é um gênero textual com grande potencial argumentativo. Por isso, comumente projeta o nome do cronista como formador de opinião. O objetivo deste trabalho é investigar a relevância da crônica para o projeto de Luiz Ruffato frente ao campo de produção cultural brasileiro. Para isso realizamos uma classificação temática das crônicas do autor publicadas no jornal El País a fim de identificar a qual tema ele mais se dedica. Identificamos a predominância de textos que traçam um panorama da situação política brasileira, o que nos permite afirmar que Ruffato se apresenta como uma referência no assunto, tornando-se um representante da opinião de seus leitores, ao mesmo tempo que a forma.

Palavras-chave

Crônica; Formação da autoridade; Luiz Ruffato.

Abstract

The chronicle is a textual genre with great argumentative potential. For this reason, it commonly projects the name of the chronicler as an opinion leader. The aim of this paper is to investigate the relevance of the chronicle for Luiz Ruffato's project concerning the Brazilian cultural production field. So, we made a thematic classification of the chronicles of the author published on the El País website in order to identify which theme the author is most dedicated to. We identified a predominance of texts that outline a panorama of the Brazilian politics, which allows us to affirm that Ruffato presents himself as a reference in the subject, acting as a representative of the opinion of his readers, at the same time that forms this opinion.

Keywords

Chronic; Formation of authority; Luiz Ruffato.

Introdução

A crônica, gênero textual que transita entre a literatura e o jornalismo, se desenvolveu no Brasil, diferente da maneira como ocorreu em outros países, como um espaço que abarca diversas possibilidades textuais. Por vezes, pode carregar características mais próximas à literatura e, em outras ocasiões, assemelhar-se com o texto jornalístico. Essa fluidez também permitiu ao gênero, nascido no meio impresso, adaptar-se a diversos meios de comunicação, como o rádio, a TV e, mais recentemente, a internet.

Um dos reflexos de sua versatilidade textual é a capacidade desse gênero discursivo de captar vestígios sociais que escapam ao noticiário. Assim, a crônica é considerada um rico indicador cultural e social de um tempo e de um espaço, seja quando se observa o contexto de sua produção ou quando se analisam as questões manifestas no texto.

Uma das principais funções que a crônica tem na atualidade é de ser formadora de opinião. Seu potencial argumentativo e sua capacidade de seduzir e envolver o leitor muitas vezes são usadas como estratégias para atingir as intencionalidades do autor ou do veículo para o qual ele escreve. Desse modo, diferente do que aconteceu em um primeiro momento, quando o gênero era entendido como menor e, por isso, muitos escritores usavam pseudônimos ao terem seus textos publicados em jornal, hoje ser cronista é sinal de prestígio, alçando o nome de seu autor ao patamar de formador de opinião. Aquilo que ele escreve, estando publicado num veículo de grande circulação e alcance, dá a ele projeção, ao passo que também implica determinadas responsabilidades com os princípios éticos que balizam a função social do jornalismo. Na mão inversa, os veículos de comunicação comumente convidam para se tornar cronista algum especialista, escritor ou jornalista que seja reconhecidamente formador de opinião, o que pode agregar a esse espaço um valor simbólico decorrente das contribuições desse cronista.

Operando desde 2013 no Brasil, o jornal *El País*, de origem espanhola, não foge desta realidade. Um de seus vários colunistas é Luiz Ruffato, escritor, reconhecido nacional e internacionalmente em função de seus romances, que se dedicam à representação da classe operária brasileira, seus conflitos e desafios e usam de tom severamente crítico em relação ao Brasil especialmente no que tange à política e a questões sociais. Se uma primeira leitura permite a inferência de um autor intencionalmente engajado, que defende bandeiras de forma clara, a observância de entrevistas e depoimentos dados pelo autor revela a disputa simbólica que ele trava em todo o campo de produção cultural.

Partindo do pressuposto de que o campo de disputa pelo poder da fala e pelo reconhecimento da intelectualidade é um espaço onde têm prevalecido camadas sociais financeiramente abastadas e instituições que tradicionalmente estão no poder, Ruffato parece ser o ponto fora da curva no meio em que decidiu seguir sua carreira. De origem humilde, trabalhou em diversos ofícios, como caixa, balconista, operário têxtil, torneiro mecânico, até se formar como jornalista pela Universidade Federal de Juiz de Fora, em 1981. Já com a carreira consolidada, em 2013, ele é convidado a se tornar colunista semanal da versão brasileira do jornal *El País*, função que ocupou até junho de 2018.

Em suas crônicas, a combinação de textos factuais e ficcionais evidencia que os desafios da sociedade em geral refletem no cotidiano de cada um. A violência, a falta de dinheiro e o sentimento de desenraizamento são problemas que se humanizam quando tratados na esfera da vida particular. A memória da cidade mineira de Cataguases, presente no texto estampado na página do *El País*, a partir da narrativa do cronista, ajuda, entre outros recursos, na construção de seu discurso e sua legitimação.

Posto isso, procuramos investigar de que forma Ruffato faz uso de seu espaço no jornal para colocar-se frente ao campo de produção cultural brasileiro. Para isso, o objetivo deste trabalho é realizar uma classificação temática das crônicas de Ruffato publicadas no jornal *El País* a fim de identificar a qual tema o autor mais se dedica. Feito isso, tratamos de descrever esses temas. Desse modo, acreditamos obter maiores indicadores acerca de qual é o campo no qual o autor reivindica seu espaço enquanto

intelectual.

Os procedimentos metodológicos envolvem, em um primeiro momento, uma revisão bibliográfica acerca da crônica como gênero e da formação da opinião num contexto que as novas mídias possibilitam um alcance maior daquilo que é veiculado e, em seguida, a classificação das crônicas, que se dá à luz da metodologia de análise crítica da narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013).

O poder das mídias na formação da opinião

No senso comum, um intelectual comumente é percebido como um indivíduo que se torna uma referência a ser seguida em determinado assunto. Na sociedade atual, marcada pelo uso da internet, onde a capacidade de diálogo e de contato com as pessoas supera os limites físicos, a formação de grupos de interesses em comum não está mais condicionada a estarem no mesmo espaço, como em outros tempos. Por isso, amplia-se o alcance da influência.

Sobre esse assunto, Norberto Bobbio comenta:

Os meios com os quais os intelectuais podem tornar conhecidos e fazer valer as suas próprias ideias (se as têm ou mesmo se não as têm) são enormes. Nenhuma comparação possível entre o tempo em que Sócrates se entretinha com os amigos, os discípulos ou os alunos, em um diálogo íntimo, e o nosso tempo, no qual um artigo publicado em qualquer jornal pode ser lido imediatamente por milhares de pessoas ou uma aparição na televisão pode ser vista por milhões. Nosso auditório dilatou-se desmesuradamente. De limitado a uma região, a um território, a uma cidade, tornou-se nacional [...]. De nacional, torna-se, em alguns casos, quase internacional, graças à rapidez das traduções e à rapidez das comunicações (BOBBIO, 1997, p. 93-94).

Obviamente, todo ato é político e toda fala constitui uma tomada de posição. O que se discute aqui é que há sujeitos que se tornam uma espécie de líderes e suas ações são observadas, ao mesmo tempo em que reverberam nas posturas de outros. Assim, é importante observar o comportamento desse sujeito, pois ele refletirá sobre todos os demais que o tomam como liderança.

Implica também, da tomada de posição, uma postura que se afirma e exclui as demais, conforme comenta Barthes, citado por Ruth Amossy “O orador enuncia uma informação e ao mesmo tempo diz: sou isto, não sou aquilo” (2011, p. 10). Essa postura remete a uma estética valorizada na atualidade, que privilegia as narrativas cujos autores se relacionam diretamente com o fato narrado, isto é, privilegia o local de onde se fala. Para cada local de fala, há expectativas de que o sujeito tenha determinados comportamentos. Não há, portanto, ampla representatividade nas mídias hegemônicas, bem como em diversos espaços sociais de destaque. A valorização da estética do local de fala emerge como uma contra força e um desejo pela democratização dos espaços de destaque.

As mídias, como a TV, as rádios, os jornais, como mais uma instituição da esfera pública, exercem um poder de formação da opinião pública e, sendo assim, tornam-se um desses campos de disputa por controle de espaço pelos atores que representam os poderes econômico, político e ideológico. Peter Burke e Asa Briggs apontam que

O conceito de “opinião pública” surgiu no final do século XVIII, e a preocupação com as “massas” pode ser observada a partir do século XIX, na época em que os jornais [...] ajudavam a moldar uma consciência nacional, levando as pessoas a ficarem atentas aos outros leitores (BURKE; BRIGGS, 2016, p.13).

A mídia, especialmente os jornais, que eram o suporte mais usual na época citada, emerge então, como um poder paralelo ao Estado. Ao mesmo tempo em que isso representa um avanço democrático, visto que distribui o poder para mais um ator social, torna-se um paradoxo, pois há necessidade de regulamentação desse poder.

Patrick Charaudeau, em seu livro *O discurso nas mídias*, de 2006, defende que as mídias estão pautadas por três lógicas: econômica, tecnológica e simbólica. Esta última, explica o autor, ocorre porque a mídia explora a imagem de ser um meio democrático e que tem a função social de ajudar a população. Isto acontece porque, na incapacidade de presenciar tudo o que acontece, os sujeitos delegam aos meios de comunicação a possibilidade de selecionar e sintetizar o que lhe é interessante. A esses meios muitas vezes se atribui a ideia de tornar público “tudo que o público necessita saber” (PENA, 2007, p. 71).

Em geral, valores como verdade, imparcialidade e objetividade ainda são buscados pela audiência, muitas vezes nutrida pela garantia dada pelos meios de comunicação acerca da possibilidade de se alcançar isso. A partir dessa noção, observa-se que a imprensa trabalha com a ideia de promessa. O leitor tem expectativas diante daquele veículo e acredita que elas serão atendidas. Muitas vezes, essa promessa é fomentada pela própria mídia, mesmo ciente da impossibilidade de cumpri-la (JOST, 2004).

Já o fator tecnológico influencia no alcance da informação. Mas, assim como os demais pontos destacados por Charaudeau, não podemos buscar entender o modo de produção midiático sem considerar que estamos tratando de empresas, isto é, instituições que visam a fins lucrativos e, sendo assim, em algum momento os interesses econômicos se farão presentes.

Como aponta Sodré (2009), o fato de que muitos meios de comunicação são controlados por empresas privadas não implica necessariamente manipulação deliberada de informações, mas, em última instância, deve-se notar que um jornal, para citar um exemplo, negocia com as empresas que anunciam neste espaço e suas audiências, e, portanto, de algum modo atende aos dispositivos tradicionais de poder.

Há-se de observar também, que o avanço nas tecnologias no setor de comunicações trouxe consigo uma revolução que afeta toda a cadeia produtiva e também ecoa na vida social e privada dos sujeitos. Permite, muitas vezes, o acesso direto às fontes, sem intermédio de um veículo. No jornalismo, reflexo disso é a mudança de um sistema de *gatekeeping*, que se refere à intervenção de jornalistas, produtores e editores sobre uma informação, que define o que, como e quando algo vai ser noticiado, para um modelo colaborativo, chamado de *gatematching*.

Com o aumento explosivo das informações em uma escala mundial, a necessidade de oferecer informações sobre informações se tornou uma adição crucial às habilidades e tarefas do jornalismo [...]. Isto redefine o papel do jornalista como um papel de anotador ou de orientador, uma mudança do cão de guarda para o “cão guia” (BARDOEL; DEUZE, 2001, p. 94).

Tem prevalecido a ideia de que “(...) que quanto mais participantes puderem examinar, avaliar e expandir as contribuições dos seus predecessores, mais provável será um resultado de qualidade forte e crescente” (BRUNS, 2008, p. 24). Decerto, os veículos tradicionais podem participar desse processo, não obstante, devem agora ver-se como mais um colaborador na produção de informações.

Nesse contexto, então, em que muitas vozes podem ser ouvidas, a disputa pela audiência se acentua. Observa-se que a quantidade de pessoas sobre a qual se tem influência torna-se uma moeda de troca. Um exemplo disso é o surgimento de novas funções como a de influenciador digital, que aparece a partir da popularização das redes sociais. A pessoa que exerce essa atividade, por diversos motivos, adquire o status de especialista sobre um assunto, como maquiagem, prática de exercícios físicos ou desempenho de sua profissão e, ao ganhar seguidores, é comum que consiga negociar campanhas publicitárias em troca de produtos e serviços dessas marcas, transformando assim, sua capacidade de influência em um negócio.

Enquanto o influenciador digital busca ampliar seu número de seguidores, o influenciador que é intelectual tradicionalmente tem outro foco. Esbarra no que se espera que seja seu objetivo último, que é uma causa nobre, a busca pelo entendimento das coisas. Pode, todavia, incorrer no erro de fechar-se sobre si e tornar seu conhecimento restrito a pequenos grupos.

Na atualidade, é possível encontrar filósofos, professores, historiadores, enfim, pessoas que tradicionalmente estão ligadas ao saber, presentes na mídia, divulgando seus trabalhos e falando para um número extenso de pessoas na rede social Youtube. Normalmente isso se dá através de palestras, debates, workshops¹, que deslizam para a web.

Ajuda a entender essa lógica a percepção de que o fenômeno da midiática tem afetado a maneira com as quais os sujeitos se relacionam entre si. Com o jornalismo não é diferente. Segundo Sodré, a midiática consiste em um processo a partir do qual a mídia “se torna uma espécie de suporte da consciência prática na medida em que os fluxos informativos fazem interface, reorganizam ou mesmo inventam rotinas inscritas no espaço-tempo existencial” (SODRÉ, 2006, p. 29).

No jornalismo, esse processo de midiática institui “um novo lugar às mídias”, como afirmam Soster e Piccinin (2016). Para os pesquisadores, o jornalismo midiático pode ser observado a partir de cinco movimentos: a autorreferencialidade, a correferencialidade, a descentralização, a atorização e a dialogia (SOSTER, 2013; PICCININ, SOSTER, 2016). É nesse contexto que os bastidores da notícia se popularizam e o jornalista, em um processo de atorização, se converte em um personagem midiático. Seu capital passa a ser o número de seguidores que possui e também a possibilidade de converter esse número em audiência.

Toda essa influência do sistema midiático na organização da sociedade implica a existência do que Muniz Sodré denominou de bios midiático.² O conceito se baseia na ideia de que a mídia é uma ambiência, uma forma de vida, e por isso, pode ser vista como o quarto bios, além daqueles que Aristóteles previu: conhecimento, prazer e política. Esse quarto bios aparece no horizonte humano a partir da combinação da extensão do mercado à esfera das relações sociais e do avanço no setor de comunicação, promovida pelo desenvolvimento da informática. A questão que se sobressai dessa lógica é que a mídia pauta e ajuda a modificar valores sociais, mas fala em nome do mercado, em uma linguagem que se ambiciona sedutora.

Podemos entender então que, como capital cultural que se tornou a influência, ela é almejada pelos sujeitos e, por isso, torna-se um valor a ser buscado. Pode até advir de uma característica nata, mas, na grande maioria dos casos, é desenvolvida e aperfeiçoada de maneira proposital através do aprendizado e do uso de técnicas.

No estudo da crônica, parece pertinente entender que muitos autores buscam, nos mais diversos meios, a possibilidade de movimentação no campo de produção cultural, para usar as palavras de Cerqueira, em sua tese de doutorado (Cerqueira, 2016). Cerqueira define movimentação como o conjunto de “negociações existentes entre o autor e o campo literário” (2016, p. 17), em que busca, ao mesmo tempo, reconhecimento e recompensa.

Posto isso, acreditamos na importância de demonstrar que os sujeitos na atualidade, na chamada era da informação, se portam com o objetivo de conquistar simpatizantes. O marketing deixa de ser uma prerrogativa exclusiva das empresas para atender também a um número crescente de indivíduos ávidos pela sua promoção pessoal. Numa sociedade prioritariamente imagética e que aprecia a capacidade de argumentação³, a construção da imagem de si é elemento fundamental na busca pelo sucesso.

¹ Vide exemplos como o de Leandro Karnal e Clóvis de Barros Filho. O primeiro é historiador e professor da Universidade de Campinas. O segundo é jornalista e professor livre-docente na área de Ética da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Ambos são palestrantes que versam sobre o comportamento humano para plateias que vão de universitários a empresas e o público em geral. Investem em conteúdo para as redes sociais e, juntos, somam milhões de acessos no YouTube.

² Muniz Sodré defende esse ponto de vista em entrevista a Desirée Rabelo, disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm>. Acesso em: 27 jan. 2018.

³ Em 2016, *post-truth* foi nomeada a palavra do ano pelo Oxford Dictionaries, departamento da universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários. Ali, o termo “descreve uma situação na qual, durante a criação e a formação da opinião pública, os fatos objetivos têm menos influência do que os apelos às emoções e às crenças pessoais”. Não constitui, portanto, sinônimo de mentira, mas uma relativização do que é verdade. Para mais informações sobre o assunto, consultar: www.revista-uno.com.br/

Esse fenômeno afeta as mais variadas esferas da vida e não seria diferente com a literatura e o jornalismo. A crônica, gênero que transita entre os dois campos, tem na versatilidade uma de suas principais características, além da proposta de apresentar fatos ou aspectos de um cotidiano que nem sempre tem espaço no noticiário.

Destacamos, entre tantos outros exemplos possíveis, as crônicas de Luiz Ruffato no *El País* e acreditamos que as explicações que se seguem ajudarão a justificar essa escolha.

A relevância da crônica para o projeto de Ruffato

O gênero crônica tem, em sua origem, a ideia de relatos cronológicos, chegando ao ponto de, nas expedições expansionistas portuguesa e espanhola, se instituir a figura do cronista-mor, como Pero Vaz de Caminha, considerado o primeiro cronista a escrever sobre o Brasil, em sua carta de 1500 (SÁ, 2005). Mas o gênero se consolidou em terras brasileiras de forma distinta à adotada em outras partes do mundo, observação feita por José Marques de Melo (1985, p. 111). O pesquisador explica que, nos demais países, a crônica se configura como relato cronológico. No Brasil, no entanto, o gênero se consolida como texto breve, opinativo, passeando entre a narrativa literária e o factual publicado nos jornais.

Marcada, então, por ser um gênero de fronteira entre o jornalismo e a literatura, e com foco no cotidiano, a crônica desliza pelos meios de comunicação, do jornal à web, passando pelo rádio e pela televisão. Além disso, e por sua fluidez, trata-se de um gênero de complexa classificação e diferentes tipologias. Para Muniz Sodré (2009), a definição do gênero está mais próxima à sua forma do que ao conteúdo. Antônio Prata, escritor, cronista e roteirista, aponta no mesmo sentido. Para ele o tema importa menos que a feitura do texto (REIS, 2015, p. 50). A partir dessa flexibilidade, portanto, o autor tem liberdade para trabalhar dentro daquele espaço, o que, em suma, tem como consequência a valorização de seu trabalho e a possibilidade de criação de uma identidade discursiva.

Uma das questões mais interessantes notadas durante a fala de Ruffato na I Jornada de Mídia e Literatura, que ocorreu em 2017 na Universidade Federal de Juiz de Fora⁴, é o destaque que ele dá à crônica em seu projeto como escritor. Ele reconhece ali o fato de que esses textos têm lhe dado mais projeção do que seus livros: “Hoje então eu tenho certeza que quando alguém ouve falar Luiz Ruffato, muito mais ouve falar por causa do *El País* do que propriamente dos meus livros (...)” (RUFFATO in RODRIGUES, 2018, p. 150). Em outro momento, continua: “É evidente que quando eu vou na Alemanha e alguém chega para mim e fala ‘Eu acompanho o Brasil a partir da sua escrita’ é muito importante” (RUFFATO in RODRIGUES, 2018, p. 153).

Nesse aspecto, percebemos que, a partir da sua produção, Ruffato vai criando uma autoridade sobre os assuntos que trata, contribuindo para a construção de sua imagem enquanto intelectual, representante de uma camada social insatisfeita e que, de algum modo, busca um futuro melhor. Como narra muitas vezes em primeira pessoa, colocando-se como personagem de suas histórias, passa também pelo crivo da credibilidade que é atribuído àqueles que exploram o local de fala e que ocorre a partir do momento em que ele se posiciona como conhecedor da realidade que narra por ter vivido situações próximas àquilo que aparece em seus textos.

Por isso, seria importante para esta pesquisa entender sobre quais assuntos Ruffato trata nos textos do *El País*, sobretudo porque a crônica constitui um gênero textual que abarca temáticas das mais diversas.⁵ Diante dessa liberdade, de que forma Ruffato atua? Quais os posicionamentos ele toma para si,

wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em: 20 dez. 2017.

⁴ Mais informações sobre o evento podem ser consultadas no endereço a seguir: <https://midiaeliteratura.wordpress.com/>. Acesso em: 12 abr. 2019.

⁵ Dois importantes trabalhos que discutem a temática da crônica são *Literatura de ouvido: crônicas do cotidiano pelas ondas do rádio* e a tese *O subúrbio feito letra: o cotidiano da periferia em crônicas ácidas*

tendo em vista ser esse o espaço através do qual, atualmente, ele se torna mais conhecido? Para resolver esta questão, buscamos suporte na análise crítica da narrativa (MOTTA, 2013).

De acordo com Motta (2013), observar o texto buscando essa instância significa identificar as funcionalidades das personagens na narrativa, o encadeamento das sequências e o encaixe com as demais sequências para formar o enredo, uso de flashbacks e flashforwards⁶, a oposição entre personagens, etc. Desse modo, podemos encontrar dependendo do recorte que é feito (pode ser temático ou de tipos de crônica, por exemplo) e até mesmo numa análise de todo o universo de crônicas, sequências que começam num texto, mas se resolvem apenas em crônicas futuras, com o desenrolar de alguns fatos, como no caso de crônicas de análise política. É possível também notar personagens que vão se desenhando e se contrapondo ao longo dos textos, pontos de virada. Enfim, várias das situações que caracterizam uma narrativa.

A proposta metodológica escolhida também proporciona uma análise relacional do texto. Segundo Motta

O caminho proposto [...] parte da fenomenologia, método que possibilita perceber as narrativas em sua essência e em suas relações. O caminho da fenomenologia permite não apenas compreender os ajustes lógicos do discurso narrativo em resposta aos desejos e intenções da situação comunicativa, mas permite também aceder à sua significação integral e ao sentido dessa significação no contexto social e histórico (MOTTA, 2013, p. 123).

O conjunto de crônicas de Ruffato no El País, representa uma narrativa ampla e complexa, que passa de 200 textos. No entanto, há formas de subdividir a produção em camadas, fazendo o que Motta (2013) chama de nova síntese da narrativa.

Motta se baseia nos postulados de Greimas para sugerir que identifiquemos “o heterogêneo no homogêneo” (2013, p.107). Esse esforço é importante porque é na reunião das partes que “a audiência constrói a realidade” (MOTTA, 2013, p. 107). Ou seja, de acordo com Motta, a audiência constrói a realidade a partir das diversas informações a que tem acesso.

Na análise da mídia precisamos colocar o foco no processo de comunicação narrativa, na atitude e na posição do narrador, em suas intencionalidades e estratégias, seu papel mediador, nos dêiticos e implicaturas, nos efeitos de sentido possíveis e em outros aspectos do processo integral de comunicação narrativa – e não apenas com o produto, como faz a narratologia literária, cujo foco permanece ainda na obra e nas suas estruturas imanentes [...] (MOTTA, 2013, p. 92).

A perspectiva desse autor propõe um olhar sobre a narrativa que considere todo o contexto em que é produzida, levando em conta as forças que agem sobre a construção argumentativa, isto é, as condições de produção do narrador, como, por exemplo, a dialética entre suas intenções e os reconhecimentos dos destinatários. Nesse sentido, Motta propõe três instâncias de análise: o plano da expressão, que trata da linguagem usada na construção discursiva, o plano da estória, que busca o entendimento do conteúdo do objeto analisado e o plano da metanarrativa, que nos leva a buscar o tema de fundo daquela narrativa.

Em busca do que Motta (2013) chama de plano da estória, partimos então para a identificação temática da produção de Ruffato. É importante ressaltar que estamos considerando o intervalo de publicações que vai de 26/11/2013 a 30/09/2017. A data inicial corresponde à primeira crônica de Ruffato publicada no El País. Já a data final foi definida a partir da percepção de que havia um universo de crônicas já suficiente para análise. Nesse ínterim, foram 200 textos publicados.

e carnavalizadas, cujas referências podem ser consultadas ao final deste trabalho.

⁶ *Flashback* corresponde na linguagem da literatura a analepse: “todo movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da ação, ou até anteriores ao seu início” (MOTTA, 2013, p. 142). Já o *flashforwards* é a prolepse, isto é, um movimento de antecipação em que eventos futuros são expostos na ação presente (MOTTA, 2013).

Assim, classificamos as crônicas de Ruffato a partir das temáticas utilizadas. Faz-se mister frisar que as temáticas das crônicas não são estanques, principalmente quando estamos tratando de política, economia, saúde e educação. Em geral, a problemática de um tema se justifica pela ocorrência de situações externas a ele. Destacamos ainda que, embora a tipologia de estudo da crônica de Afrânio Coutinho (1984) esteja mais ligada à sua estrutura do que à temática, os pressupostos do autor inspiraram nossa classificação.

Abaixo, apresentamos uma tabela contendo cada uma dessas divisões temáticas, bem como o número de crônicas e a porcentagem correspondente em relação ao total de crônicas. Trata-se, portanto, de uma análise quantitativa das crônicas de Ruffato publicadas no El País.

Tabela 1 – Classificação das crônicas

Tipos de crônica	Comportamento social	Memória e cidade	Panorama da situação brasileira (política)	Outros
Nº de textos	18	43	123	16
Porcentagem	9%	21,5%	61,5%	8%

Fonte: As autoras

A partir da distribuição demonstrada acima, verificamos a recorrência de crônicas que fundamentalmente traçam um panorama da situação política, econômica e social brasileira a partir da visão de Luiz Ruffato.

A dedicação de Ruffato à temática política constitui uma pista relevante para o entendimento sobre a construção de sua imagem como escritor e cronista e também como intelectual, haja vista a afiliação a um determinado assunto, o que dá a ele certa autoridade intelectual.

Nesse sentido, entendemos que a construção da imagem do Brasil, a partir da percepção de Ruffato, se dá prioritariamente sob o prisma da análise política. Devemos considerar, porém, que mesmo nas demais categorias, observa-se o tom de denúncia e engajamento. O que muda é a estratégia discursiva.

Descrição das categorias

Após a análise e categorização das crônicas, foi necessário distinguir as características de cada uma das classificações adotadas. Esse esforço exigiu uma nova leitura do *corpus* para que verificássemos a adequação de cada texto nas descrições adotadas.

Ao fim desta tarefa, chegamos à descrição dos campos temáticos, baseando-nos, sobretudo, nos estudos de Afrânio Coutinho (1984) sobre a crônica.

Comportamento social

Nesta categoria, encontram-se crônicas que carregam a temática do preconceito social, racial e de gênero e intolerância com o diferente, inclusive quando se observa o apoio a partidos políticos. Esse grupo lembra a tipologia de crônica metafísica de Afrânio Coutinho (1984). Segundo esse autor, essas crônicas são “constituídas de reflexões mais ou menos filosóficas sobre os acontecimentos ou os homens” (COUTINHO, 1984, p. 291).

Em geral, Ruffato mostra nessas crônicas a miscigenação racial e social brasileira para desqualificar os argumentos daqueles que agem com algum preconceito. É importante destacar também que incluímos aqui os textos em que posicionamentos políticos opostos se confrontam.

Xenofobia e Burrice, publicado em 10 de maio de 2017, texto carregado de adjetivos fortes, é uma reflexão de Ruffato sobre a intolerância com o diferente, que é frequente no Brasil, segundo ele próprio afirma.

Afora os afrodescendentes, que vieram parar no Brasil à força de ferro e açoite, todos os outros somos usurpadores das terras indígenas. Não sendo, portanto, donos da casa, não temos moral para impedir que novos imigrantes escolham o Brasil para viver. Como imigrantes que somos, chegamos aqui, a imensa maioria de nós, miseráveis, fugindo da fome e da falta de perspectivas nos países de origem — tal qual os bolivianos, os haitianos, os nigerianos, os chineses que hoje formam as caras novas desse fenômeno que é mundial.⁷

No trecho acima, a ênfase dada por Ruffato ao fato de que a sociedade brasileira é formada a partir de diásporas serve para demonstrar seu incômodo no que tange à não aceitação de migrantes que queiram hoje entrar no país. Importante destacar que ele se coloca como partícipe dessa situação de conflito, pois a todo momento utiliza o pronome “nós”.

Memória e cidade

Identificamos nessa categoria que as narrativas em geral tratam das memórias da infância e adolescência de Ruffato em Cataguases. Portanto, em sua maioria, são histórias contadas em primeira pessoa, sobre situações acontecidas ou presenciadas por Ruffato. É possível notar a recorrência de menções às suas primeiras experiências com leitura, além de homenagens a pessoas próximas que morreram. Há algumas crônicas nesta categoria que são próximas ao conto, que não são narradas em primeira pessoa, mas que foram aqui incluídas por tratarem de dramas particulares assim como as anteriores e seguirem uma estrutura narrativa próxima às demais que foram incluídas aqui. Na classificação de Afrânio Coutinho (1984), esse grupo representa a crônica narrativa, “cujo eixo é uma história” (COUTINHO, 1984, p. 291).

Um exemplo das crônicas classificadas nessa temática é *Somos gelo desprendido de um iceberg*, publicada em 22 de janeiro de 2014.

No dia 31 de dezembro, fim de tarde, me encontrei com Marquinhos Taioba e Jorginho Peito-de-Pombo na Praça Rui Barbosa, e juntos concluímos que, para crescer, precisávamos com urgência ir embora da cidade. E marcamos nossa viagem para daí a seis dias, uma viagem que, começamos em Juiz de Fora, me levaria cada vez mais para longe de mim. Eu me sentei, então, sozinho, no banco de pastilhas brancas, próximo ao coreto modernista, mirei as sibipurunas que alardeiam pardais, aspirei o ar verde e quente do lusco-fusco, apertei com força o pacote vazio de pipoca, e acompanhei, com melancólico arrebatamento, o footing dos rapazes e moças que nada sabiam da conspiração do tempo.⁸

Nesse trecho, percebemos duas faces da atuação de Ruffato como cronista. O lado memorialístico, em que ele revela um dos dramas de sua vida e de seus amigos em Cataguases. A falta de emprego na cidade os compele a migrar para uma cidade maior. Além desse indicador social, que, da maneira sensível e particular como é contado, não estaria contemplado no texto jornalístico, notamos o retrato do cotidiano da cidade pelo olhar de Ruffato. O cenário que narra de forma detalhada é carregado de vida pelo olhar do narrador, muito por conta das sociabilidades apresentadas.

⁷ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/05/10/opinion/1494451195_544941.html. Acesso em: 13 ago. 2019.

⁸ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/01/22/opinion/1390395079_756493.html. Acesso em: 13 ago. 2019.

Panorama da situação (política) brasileira

Dentro deste grupo temático encontramos duas variações temáticas, que não justificariam a criação de um novo grupo, mas que guardam características particulares. A primeira são textos que tratam de política pública, onde são considerados dados gerais sobre economia, educação, política, corrupção e sociedade, e a segunda, crônicas que comentam a política partidária, onde Ruffato faz comentários sobre leis, atos de políticos, especialmente sobre Michel Temer, alvo frequente do escritor e também ao impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Buscamos entre os tipos de crônica definidos por Afrânio Coutinho (1984) uma correspondência para essas crônicas. Novamente, a crônica metafísica é que mais se aproxima.

O trecho que se segue é da crônica *Sobre estupro, racismo, homofobia, etc.*, de 30 de maio de 2016. Temos adiante um bom exemplo do que são os textos classificados como políticos. Muitas das vezes quando Ruffato traça uma reflexão sobre aspectos políticos do Brasil, ele o faz abordando temas que são transversais. A violência que ocorre no Brasil, por exemplo, é muitas vezes explicada por Ruffato por deficiências no sistema educacional.

Você que me acompanhou até aqui pode estar se perguntando: mas, afinal, o que tem a ver o título com o conteúdo deste artigo? Tem tudo a ver. Um país sem educação – sem pensamento crítico – acha normal que uma mulher seja estuprada a cada 11 minutos e que a cada hora e meia uma mulher seja morta. Um país sem educação – sem pensamento crítico – acha normal não termos professores negros, políticos negros, médicos negros, engenheiros negros, escritores negros, jornalistas negros. Um país sem educação – sem pensamento crítico – acha normal o homicídio de 381 homossexuais no último ano. Um país sem educação – sem pensamento crítico – acha normal que tenhamos 150 pessoas assassinadas por dia. Um país sem educação – sem pensamento crítico – acha normal a morte de 42.000 pessoas por ano em acidentes de trânsito. Um país sem educação – sem pensamento crítico – acha normal um ministro discutir planos de educação com um ator pornô, um obscuro empresário e uma promotora aposentada.⁹

Além disso, Ruffato comenta o apego dos brasileiros a milagres, o que ocorre, segundo ele, quando não há esperança de um futuro melhor. Na política, isso reflete na busca por soluções que parecem resolver o problema de imediato, mas que não se sustentam a longo prazo.

Temas gerais

Aqui estão as crônicas que tratam de temas gerais, como efemérides, comentários sobre futebol (principalmente no período de realização da Copa do Mundo de Futebol no Brasil), experiências com leitura e comentário sobre religião.

Catalogamos aqui as crônicas com temas diversos e que não poderiam compor as demais categorias. Não foram criadas categorias extras para encaixá-las porque muitas delas são únicas no tema em que tratam, ou seja, não se justifica a criação de uma categoria para abarcar um único texto. Esta categoria se baseia na crônica-comentário dos acontecimentos de Afrânio Coutinho. Coutinho cita a expressão de Eugênio Gomes para dizer que as crônicas desse tipo remetem a um “bazar asiático”, pois acumulam “muita coisa diferente ou díspar” (COUTINHO, 1984, p. 292).

À frente, um trecho de *Gaúchos e mineiros* publicada em 24 de junho de 2014.

Para não me estender muito, passo a enumerar algumas, dentre inúmeras, expressões comuns a gaúchos e mineiros: acabar com a raça, apertar os ossos, borra-bosta, botar o pau na mesa, botar os cachorros, firme?, fora de sacanagem, chuva de molhar bobo,

⁹ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/30/opinion/1464621194_961252.html. Acesso em: 13 ago. 2019.

boa gente, bobo alegre, boca mole, boca grande, manteiga derretida, pau de viratripa, freguês de caderno, banho de gato, dar pra trás, deixar plantado, esperar sentado, ficar mordido, arrastar asa, cobertor de orelha...¹⁰

Nesse texto, o mote de Ruffato é a semelhança de expressões idiomáticas utilizadas por gaúchos e mineiros. Ele se diz surpreso porque muitas das expressões que acreditava serem especificamente utilizadas pelo povo de Minas Gerais, também são utilizadas pelos gaúchos. O gancho para tratar disso, segundo ele, foi a leitura o livro *Bá, tchê!* de Luiz Augusto Fischer, que havia ganhado.

Considerações finais

Na crônica de Ruffato, que se apresenta como uma narrativa fragmentada chegando ao leitor semanalmente, há um convite implícito para que o leitor participe na construção do texto, ao exigir que ele recorra a um repertório seja de crônicas ou mesmo do noticiário para que o efeito do texto se complete. No ambiente da internet, ainda recente, mas mais ainda para a crônica, Ruffato explora o recurso do hiperlink, dando pistas ao leitor sobre os espaços em que se informa e, assim, sob quais visões de mundo constrói sua narrativa.

Nesse sentido, acreditamos que a crônica de Ruffato consiste em um elemento vivo e em construção, ao contrário do que prevê o conceito de obra, que representa um projeto já acabado. A permeabilidade do discurso que perpassa toda a produção de Ruffato, transfigurando-se em cada suporte e meio em que o autor se faz presente, mostra-nos que o autor se preocupa tanto com a temática do texto e seu posicionamento frente a ela, como de que maneira esse texto comporá a totalidade de seu projeto.

Uma das estratégias para alcançar esses objetivos é a presença de um narrador que ora é protagonista, ora é testemunha, mas que em ambos os casos não possui uma postura neutra frente àquilo que narra. Pelo contrário, sua postura é combativa, resistente e engajada, mesmo nas crônicas em que o narrador oferece ao leitor pequenas doses do noticiário. A simples seleção de fatos, como dissemos antes, é suficiente para desconstruir o discurso de objetividade.

Por toda essa construção discursiva, Ruffato emerge como um intelectual que representa com sua escrita o grupo social que concorda com suas posturas. Seu espaço no jornal, um veículo da mídia tradicional, representa um espaço de resistência ao que se observa no campo da política brasileira.

A crônica, ao amear percepções compartilhadas e trazer à tona esse tipo de discussão, pode funcionar como um mecanismo de fomento ao engajamento coletivo. Talvez aí esteja uma de suas mais importantes funções.

Referências

AMOSSY, Ruth (Org). **Imagens de Si no Discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2011.

BARDOEL, Jo; DEUZE, Mark. 'Network journalism': Converging competencies of old and new media professionals. **Australian Journalism Review**, v. 23, n. 3, p. 91-103, 2001. Disponível em: <https://scholarworks.iu.edu/dspace/bitstream/handle/2022/3201/BardoelDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 jan. 2018.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

¹⁰ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/06/24/opinion/1403641142_051382.html. Acesso em: 13 ago. 2019.

CERQUEIRA, Rodrigo da Silva. **Um escritor excepcional, uma obra de exceção**: o Inferno Provisório e as movimentações de Luiz Ruffato no campo literário. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTINHO, Afrânio. **As formas da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Bloch, 1984.

JOST, François. **Seis lições sobre televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MELO, José Marques de. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PENA, Felipe. Jornalismo, a objetividade subjetiva. **Observatório da Imprensa**, 06 fev., ed. 419, 2007. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/jornalismo-a-objetividade-subjetiva/>. Acesso em: 30 jun. 2017.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Da anatomia do telejornal midiaticado: metamorfoses e narrativas múltiplas. **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 118-134, jul. 2016. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/427>. Acesso em: 10 jun. 2019.

REIS, Marco Aurélio. **O subúrbio feito letra**: o cotidiano da periferia em crônicas ácidas e carnavalizadas. Tese (Doutorado em Letras - Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

RODRIGUES, Michele Pereira. **O cronismo de Luiz Ruffato no El País**: narrativas de resistência e engajamento. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. Rio de Janeiro: Ática, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiaticação. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade midiaticada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Dialogia e atorização: características do jornalismo midiaticado. **Anais do 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, Universidade de Brasília, 7 a 9 de novembro de 2013.

Cláudia de Albuquerque Thomé é jornalista e doutora em Ciência da Literatura pela UFRJ. Professora da Faculdade de Comunicação (Facom/UFJF) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFJF. Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq "Narrativas midiáticas e dialogias". O artigo apresenta reflexões e análises de pesquisa realizada no PPGCOM/UFJF, em trabalho de orientação acadêmica. Nele, contribuiu com a fundamentação teórica, tendo como base autores referenciais do campo da Comunicação e teorias sobre o estudo da crônica no atual contexto midiático.

Michele Pereira Rodrigues é doutoranda em Comunicação pela PUC-Rio. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora e graduada em Turismo pela mesma instituição. Membro do Grupo de Pesquisa/CNPq "Narrativas midiáticas e dialogias". Neste artigo, contribuiu com os procedimentos metodológicos, incluindo a seleção e análise do corpus, e a fundamentação teórica.